

Peter Pan e o Dr Pangloss

Fernando J. Cardim de Carvalho

Alguns artigos publicados recentemente, inclusive um deste autor, publicado no Valor de 24/08/07, inspiraram alguns críticos a responder aos argumentos, o que é sempre gratificante para quem quer que se envolva em um debate público. Alguns pontos relevantes foram levantados nessas críticas, especialmente a preocupação, no primeiro deles (30/8/07) com a persistência de desequilíbrios fiscais na economia brasileira, sobre os quais minhas divergências talvez sejam marginais. O foco delas, porém, estava voltado para a preocupação manifestada com o processo de liberalização da conta de capitais, interpretada como uma “recusa a tornar-se adulto”, como a do personagem Peter Pan, isto é a reconhecer que a economia brasileira está pronta a participar da economia internacional em posição de igualdade com as economias desenvolvidas do mundo (Valor, 30/8/07 e 10/9/07).

Embora meu artigo tenha focalizado a questão da desregulação financeira em geral, da qual a liberalização da conta de capitais é apenas um, ainda que muito importante, aspecto, parece-me que, de qualquer modo, as críticas feitas refletem essencialmente outra síndrome, a do Dr Pangloss.

Ambos os artigos mencionam que a integração financeira, obtida desde que controles de capitais foram desmantelados no início da década de 1990, contribuiu muito mais positivamente do que negativamente para o crescimento da economia brasileira. Mesmo se desconsiderarmos que o crescimento da economia brasileira nesse período foi, qualificando generosamente, medíocre, a tese defendida é pouco mais que artigo de fé. O grande aumento do giro de recursos nas bolsas brasileiras apoiou-se realmente, em grande parte, na entrada de capitais estrangeiros. Daí a imaginar que esses recursos “já supera[m], atualmente, os empréstimos do BNDES no financiamento de adições à capacidade produtiva”, há uma enorme distância, que apenas o otimismo panglossiano dos críticos pode explicar. Os recursos do BNDES são alocados efetivamente em projetos de investimento. A Bolsa afeta apenas indiretamente os investimentos das empresas, através da liquidez dada ao mercado, facilitando a captação de recursos pelas firmas. O enorme crescimento da emissão de debêntures, como mostrado por outro lado por A. Sant’Anna se destina em grande parte a empresas de *leasing*, para reforço de capital de giro.¹

Por outro lado, como o artigo de 10/9/07 mesmo mostra, o preço desses desenvolvimentos é a volatilidade do mercado financeiro doméstico. Não é apenas a cotação de ações na Bovespa que passa a depender do que acontece no exterior muito mais que nos “fundamentos” da economia brasileira. Os movimentos de capitais que a oscilação das bolsas reflete implicam variações também nas taxas de juros e, assim, mesmo nas condições de financiamento na economia brasileira feito a partir de recursos domésticos. Por outro lado, se os preços dos ativos realmente são determinados por mudanças no sentimento dos mercados internacionais quando a integração financeira chega ao grau a que chegou, que diferença fará a melhoria nos “fundamentos macroeconômicos” proposta?

No artigo de 10/9/07, os autores, na verdade, discutem com uma entidade ectoplásmica denominada de “esquerda”. É uma interessante escolha de palavras: não é um debate entre a “esquerda” e a “direita”, mas entre a “esquerda” e os “ortodoxos”. O que esta

¹ A. Sant’Anna, “Crescimento de debêntures financia capital de giro”, BNDES Visão do Desenvolvimento, 5, 20/07/06.

esquerda é (ou quem) depende do gosto dos autores, que selecionam frases soltas de artigos diversos para compor seus alvos. Isto permite aos autores fundirem idéias a seu arbítrio, em formulações como “Não seria melhor aproveitar a atual crise internacional para reavaliar ‘o desmantelamento do controle de capitais’ e ‘fechar a economia brasileira como após a crise de 1919?’” Ou “A mesma esquerda que quer fechar o país aos fluxos de capitais também acha que estamos diante de um ‘estado raquítico’ e assume uma posição forte em defesa do aumento das contratações de funcionários ...”.

É possível (apesar de difícil) imaginar que, em certos círculos, a qualificação “esquerda” ainda seja tão assustadora que conduza ao leitor a aceitar o que quer que lhe coloquem à frente. Mas agitar espantalhos é pouco produtivo.

A preocupação com a proteção de economias ainda em desenvolvimento, como a brasileira, frente à volatilidade dos mercados financeiros internacionais e a desproporção entre o volume dos fluxos de capitais que circulam nesses mercados e o tamanho da economia doméstica parece mais do que uma síndrome de Peter Pan. Se lembrarmos que as economias européias mantiveram controles até o início dos anos 90 (quando já eram muito mais avançadas e sólidas que a economia brasileira), ou que várias economias que mantêm ainda esses controles têm atravessado as turbulências financeiras dos últimos 15 anos com muito menos problemas que o Brasil, é de se pensar se o que parece uma síndrome de Peter Pan não é apenas uma visão realista das possibilidades presentes da economia do país.

Finalmente, a síndrome oposta, a do Dr Pangloss, parece acometida de um mal adicional, a visão binária. Economias nacionais ou são integradas ou são fechadas. No mundo real, diverso da ficção panglossiana dos mercados eficientes, a abertura da economia é uma questão de grau e de instrumentos, como até mesmo o FMI, depois de sua desastrosa defesa da conversibilidade da conta de capitais em 1997, acabou aprendendo. Abordar o processo de abertura financeira como um tudo ou nada, uma escolha entre o céu e o inferno, entre a “esquerda” e a “direita” como proposto por alguns desses críticos, apenas favorecerá o debate entre religiões: a dos que acreditam que economias de mercado se resumem à exploração das massas e a daqueles que acreditam que “não há nada de errado com a integração internacional”.